

**Francisco Veloso** Diretor da Católica  
Lisbon School of Business & Economics

## “Precisamos de empresas com vontade de dominar o mundo”

Defende que os futuros gestores têm que ter mundo “porque hoje os negócios são internacionais”. É essa a sua experiência pessoal e um dos principais desafios que tem pela frente enquanto diretor da escola de negócios da Universidade Católica de Lisboa.

Assumiu a liderança de uma escola cujo nível de empregabilidade dos alunos é de 100%. Numa altura de recessão como vai manter este patamar.

É uma realidade que não sei se irá inverter-se porque vamos continuar a viver um período difícil. Um dos objetivos da escola é a internacionalização e estamos empenhados na colocação dos alunos fora do país. Não é uma perspectiva de fuga de cérebros, nada disso. É uma preocupação com a importância dos jovens ganharem mundo, porque os negócios hoje são internacionais – os poucos negócios nacionais que ainda existem estão moribundos ou em fase de estagnação. O meu percurso foi esse: estive 15 anos ligado aos EUA e, agora, sou diretor da Católica.

Os alunos portugueses são procurados por empresas estrangeiras?

Estão tão bem preparados como os demais. A questão é que no mercado interno o tecido empresarial reconhece a Católica e lá fora temos que fazer o caminho das pedras como os outros. Exige um trabalho grande de preparação dos candidatos para os processos de triagem inicial. Eu, por exemplo, não me sai bem quando me candidatei a primeira vez ao doutoramento no Massachusetts Institute of Technology porque não estava familiarizado com os testes de cruzinhas e fiz uma má gestão do tempo. Tal como as empresas têm que aprender a internacionalizar-se, também os alunos têm que saber competir lá fora.

Porque se dá tanta importância aos rankings do “Financial Times” (“FT”)?

É uma certificação de qualidade internacional. Neste momento temos dois instrumentos que dão visibilidade à escola: somos certificados pela Associação de MBA e pelas agências europeia e americana de *business schools*; e estamos nas listas do “FT”. As certificações são importantes ao nível das parcerias com outras instituições fora do país e o “FT”, não obstante muitos critérios discutíveis, posiciona-nos junto dos alunos e das empresas estrangeiras.

Faz sentido escolas portuguesas concorrerem, entre si, pelo mercado internacional? Há uma proposta que junta a Católica e a Nova nos mestrados.

Esse é um caminho interessante e até compatível com a nossa ideia de internacionalização. Tem as vantagens de escala, mas há também dificuldades pois são escolas com identidades e percursos diferentes. É um cenário para o qual devemos olhar com realismo pois é preciso perceber se o projeto pode cumprir uma ambição internacional e

### OUTROS ASSUNTOS

#### RESPONSABILIDADE SOCIAL

**“Os estudantes e futuros gestores reconhecem o valor da responsabilidade social, não a veem como algo que deve ser feito. Faz parte da forma como encaram o seu papel enquanto intervenientes na sociedade”**

#### ESTRANGEIROS

**“Os alunos estrangeiros gostam de Portugal pelas mesmas coisas que nós: as pessoas, o clima, a cidade de Lisboa”**

#### PROPINAS

**“Frequentar a Católica não é mais caro do que fazer o secundário num colégio privado. Nos EUA as propinas custam 40 mil dólares por ano. Não tem comparação”**

#### CONCORRÊNCIA

**“Temos concorrência muito desleal do público onde as propinas não refletem o custo real dos cursos. O dinheiro pago pelo Estado devia ser dado ao aluno para escolher onde quer estudar”**



**CIDADÃO INTERNACIONAL** Passou 15 anos nos EUA, cinco a fazer o doutoramento no Massachusetts Institute of Technology (MIT) e dez como professor em Carnegie Mellon. Um percurso movido pelo desejo de fazer “investigação em inovação e empreendedorismo, sendo que, na altura, não havia em Portugal, nem na Europa, formação forte nessas áreas”, refere Francisco Veloso, 42 anos. A experiência “de fazer parte das universidades americanas de referência internacional foi absolutamente fantástica”. “São escolas com recursos, pessoas, oportunidades e diversidade únicas, mas também locais de exigência extremamente elevada. Há uma aposta na excelência e a ambição de ter impacto local e

mundial na nossa área de trabalho”. Depois de dois anos como diretor-adjunto, com a responsabilidade de coordenação dos professores, assumiu em maio a direção da Católica-Lisboa, onde é também professor de Inovação e Empreendedorismo. A sua investigação e ensino focam-se na forma como as empresas e regiões desenvolvem e exploram as suas capacidades científicas e tecnológicas para crescerem. Já foi distinguido com vários prémios. Este amante de BTT e de squash tem como lema “os desafios ultrapassam-se com doses certas de otimismo, perseverança e humor!”. Em menos de um mês tem pela frente outro desafio: o casamento, com o qual irá “ganhar também uma filha”.

dar resposta a uma universidade do Estado, com características laicas, e a outra privada, com ligação à Igreja.

O facto do país não gozar atualmente de uma boa imagem lá fora afeta a vossa atividade a nível internacional?

É uma dificuldade grande. Na captação de alunos estrangeiros, porque há países que temem que a carreira dos filhos possa ser afetada, e também na contratação de docentes. A este nível, recentemente, tivemos um caso em que o professor queria vir mas acabou por recusar porque o companheiro não quis trocar a sua carreira estável e promissora na Holanda por um país onde, neste momento, não há grandes oportunidades.

Com a recessão cresceu o interesse no empreendedorismo.

Sem dúvida. Na Católica há uma tradição grande de formar pessoas que se tornam excelentes empreendedores como, por exemplo, os empresários Alexandre Relvas e Filipe de Botton. O re-

verso da medalha de uma empregabilidade de 100% é uma realidade de alunos que saem daqui com duas ou três propostas de trabalho e que adiam o projeto de terem o seu negócio. Hoje em dia, com o nível de incerteza que existe sobre as carreiras e as próprias empresas, faz com que apostem mais em projetos próprios e criem o seu emprego. O jovens querem levar nas mãos o futuro económico, serem eles os agentes da mudança e parte da solução.

Afinal, os portugueses têm iniciativa.

As pessoas respondem a incentivos. Em Portugal desenvolvemos mais os bens não-transacionáveis relativamente aos transacionáveis porque foi benéfico até determinado momento. A partir do momento que isso muda, as pessoas reorganizam-se. Não temos um problema cultural de falta de espírito empreendedor, temos um problema de falta de incentivos. Até há cinco anos, antes da mudança da lei das falências faltavam estímulos básicos. Durante

muito tempo, uma pessoa que levasse uma empresa à falência não podia exercer cargos de gestão durante dez anos. Ora, sabemos que antes de os projetos empreendedores terem sucessos muitos outros falharam. Em Silicon Valley é quase uma *badge of honor* (uma honra) ter estado envolvido em projetos que falharam e os investidores vemos isso como experiência adquirida.

Temos uma elevada percentagem de empresas que nascem e morrem?

O problema são aquelas a que chamamos “ratinhos” que resolvem o autoemprego e dão trabalho e mais duas ou três pessoas. Não é esse empreendedorismo que vai mudar o tecido económico de Portugal, mas sim o empreendedorismo de oportunidade em que alguém identifica um negócio com potencial e que o agarra com vontade de o fazer crescer e de criar uma grande empresa, com o objetivo de dominar o mundo nesse segmento de mercado.



**O NOVO DIRETOR  
DA CATÓLICA LISBON**  
Francisco Veloso diz  
que devemos querer  
dominar o mundo **E18**